

O QUE PODEMOS ESPERAR DA ESCOLA?: UMA REFLEXÃO PARA ALÉM DA MODERNIDADE

Dr. Fausto dos Santos Amaral Filho
Universidade Tuiuti do Paraná

RESUMO: O presente texto é uma reflexão sobre as esperanças que, no geral, depositamos no mundo escolar. Para tanto, procura compreender o fazer escolar para além dos parâmetros da Modernidade ainda presentes no mundo contemporâneo. Questiona se de fato a Escola é um agente de transformações sociais

efetivas ou se o que ela pode é apenas e tão somente reproduzir o mundo existente, tal qual ele é, ou seja, regido pela monosssemia da linguagem técnica e científica, que faz do mundo algo cada vez mais homogêneo, na medida em que, para subsistir, precisa reprimir sempre e a todo custo o outro de si.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Escolar; Alteridade; Pós-modernidade.

WHAT CAN WE EXPECT FROM THE SCHOOL?: A REFLECTION BEYOND MODERNITY

ABSTRACT: The present text is a reflection on the hopes that, in general, we place on the school world. In order to do so, it seeks to understand schooling beyond the parameters of Modernity still present in the contemporary world. It questions whether the School is in fact an agent of effective social transformations or if

what it can is only and reproduce the existing world, as it is, that is, governed by the monosemia of the technical and scientific language that makes the world something more and more homogeneous, to the extent that, in order to subsist, it must always repress and at all costs the other of itself.

KEYWORDS: Schooling; Alterity; Postmodernity.



1 INTRODUÇÃO

Mais do que nas Instituições Políticas e até mesmo mais do que na própria Igreja, que tradicionalmente é quem resguarda as questões da fé, parece ser na Escola que depositamos todas as nossas esperanças. Afinal, é lá que estão nossas crianças, as futuras gerações que, mais cedo ou mais tarde, terão que tomar para si as responsabilidades do mundo, zelando por ele. Portanto, parece claro que caiba a Escola enfrentar as questões inerentes ao mundo, buscando resolver, assim, os seus problemas.

Pensando desta maneira, tudo, ou quase tudo pode acabar se tornando uma questão escolar: se estamos destruindo a natureza impondo-lhe nossos padrões de consumo, lá estão nossas crianças, envoltas com as questões da ecologia; se o trânsito mata, ainda que sejam os adultos que dirijam, temos que levar a educação para o trânsito para dentro da sala de aula; o país sendo assolado por uma epidemia transmitida por um mosquito, que o Ministério da Educação monte um exército infantil para combatê-lo; que nós não nos respeitemos uns aos outros, excluindo toda e qualquer diferença, cabe a Escola ser o lugar privilegiado da inclusão.

Mas não é só isso, como se já fosse pouco, visto que a Escola não deixa os seus afazeres tradicionais para dar conta de novos afazeres, acumulando-os antes. Pois, muitos de nós, também depositamos na Escola não apenas a esperança na melhora do mundo, mas, sobretudo, a esperança de um outro mundo possível. Não poucos de nós veem na educação escolar um potencial revolucionário, algo assim, de fato, capaz de mudar o mundo, transformando-o em algo outro, definitivamente justo, igualitário e fraterno.

Se de fato é assim, como geralmente cremos, vemos a Escola como uma instituição essencialmente Iluminista. Destinada a lançar luzes no que ainda de trevas resta no mundo. Iluminando nosso caminho em direção a uma existência



cada vez melhor. Lugar privilegiado onde se dá a transição da infância para a fase adulta, ou ainda, dito de outra maneira, “[...] a saída do homem de sua menoridade” (KANT, 2008, p. 63).

Ao que parece, a esperança que depositamos na Escola é proporcional às suas promessas, à Razão que nos dá para tal.

2 O PODER DA ESCOLA

Mas será que a Escola pode tanto? É justo esperarmos dela tanto assim? Ora, mas não é ela mesma quem promete? Dizendo-se tão boa que nenhuma criança deve deixar de passar por ela por anos a fio? Afinal, não é por isto mesmo, por ser universalmente boa, que a educação escolar, além de ser “direito de todos e dever do Estado e da família” (BRASIL, Art., 205), é fundamentalmente obrigatória? Mas se é tão boa, por que é obrigatória? Realmente, é um tanto quanto esquisita a ideia de que alguém queira obrigar outro alguém a ser feliz, por exemplo. Ou será que o bem, depois de tanto tempo, já deixou de ser “[...] aquilo a que todas as coisas visam” (ARISTÓTELES, 1996, p. 118), sendo agora necessário que uns obriguem os outros a desejá-lo?

Pensemos a questão de outra forma, pois, pode ser o caso que uns saibam mais do que os outros sobre o bem, não apenas aquele relativo a si mesmo, mas, também, em relação aos outros. Não por uma suposta superioridade cognitiva, ou coisa que tal. Mas, apenas, por uma precedência cronológica. Uns vieram antes, outros depois. Simples assim. Portanto, é de se supor que aqueles que vieram depois, e nada sabem sobre a vida, de uma forma ou de outra, estejam obrigatoriamente em uma relação de dependência em relação àqueles que vieram antes, e que, supõem-se, já sabem o que é o bem, posto que já aprenderam com os que os antecederam e, assim, portanto, podem ensiná-lo para a geração que vai sucedê-los. Afinal, se “[...] todos os homens, por natureza, desejam conhecer”



(ARISTÓTELES, 1969, p. 36), é justamente porque ninguém nasce sabendo, visto que ninguém deseja aquilo que já tem.

Ora, o que foi dito não deixa de ser o pressuposto de todo processo educativo: para que haja ensino e aprendizagem é preciso, antes, que exista algo para ser ensinado e, portanto, aprendido. Esse é o conhecimento, ou, de maneira mais precisa, o conhecido. O bem que uma geração ensina a outra, cabendo a essa aprendê-lo. Assim se passa, tanto entre pais e filhos, quanto entre alunos e professores. Evidentemente que, dessa maneira, tanto os pais, quanto os professores, só podem ensinar aquilo que eles mesmos já sabem. Seria mesmo estranho pensar que alguém pode ensinar aquilo que ele mesmo não sabe.

Mas, se é assim, aonde é que pode residir o caráter transformador da Escola? Como é que ela pode confluir para a existência de um mundo melhor, ou até mesmo para a emergência de outro mundo possível se, ainda que tudo seja novidade para os recém chegados, em estrito senso, a Escola só pode introduzi-los em um mundo pré-estabelecido?

Há uma hipótese possível para que isso possa ocorrer: que o tal mundo pré-estabelecido, no qual se introduzem as novas gerações, seja, ele próprio, um mundo que não apenas comporte novidades, mas que essas sejam um dos motores fundamentais da sua existência.

Sim, isso mesmo! Tal qual o nosso mundo é, constantemente cheio de novidades com as quais continuamente temos que nos haver. Ou será que alguém em sã consciência seria capaz de negar todo o progresso do mundo contemporâneo, no qual certamente a Escola tem um papel fundamental? Não vivemos em uma época na qual somos constantemente desafiados por uma série de novidades, geralmente sempre vistas como um avanço? Avanço ao qual constantemente temos que nos adequar e ao qual a Escola tem que corresponder, avançando junto. Não é por isto mesmo, para dar conta das novidades do mundo, que o professor está hoje continuamente em formação?



Mas, então, dessa maneira, em oposição ao que foi dito anteriormente, progressivamente avançando, a Escola seria o lugar privilegiado do novo. Pois é nela que estão as novas gerações, para as quais, mais propriamente, as novidades do mundo presente estão destinadas. Muito provavelmente, por isto mesmo, o sonho de todo projeto pedagógico parece ser fundar uma Escola Nova, que esteja sempre em correspondência com as novidades do mundo presente, já que ele, progressivamente avança. Sendo assim, parece que temos toda razão em depositarmos nossas esperanças na Escola, pois parece ser ela a instituição mais apropriada para manter os avanços do mundo moderno.

No entanto, será que o avanço do progresso é capaz de realizar algo efetivamente novo, ou no geral, deslumbrados por suas luzes, não somos capazes de perceber ao certo para onde é que o progresso avança? Pois, se olharmos bem, logo veremos que o progresso não é um movimento capaz de comportar o essencialmente novo, sendo esse, antes, aquilo que, inclusive, pode ameaçar a sua continuidade. O modo próprio de ser do progresso é o movimento contínuo, a progressão, continuidade daquilo que já está posto desde o princípio. Portanto, o progresso é um movimento que, se avança, como de fato avança, só pode fazê-lo em direção ao mesmo. Nada de novo pode surgir em um movimento cujo traçado está determinado *desde o seu princípio (eks arkhés)*. Contudo, o progresso não é um movimento propriamente circular, certamente que ele avança, e o faz porque sabe da necessidade do seu fim desde o princípio. O novo, se efetivamente o for, ainda que compartilhe a necessidade do fim, não sabe nada, ou pouco sabe a respeito do seu próprio princípio.

Mas qual é o fim do progresso? Ora, o fim do progresso é que ele avance, não deixando nada, nunca, como está. Ele próprio, possuindo um caráter essencialmente pedagógico, por onde passa é capaz de retirar sociedades inteiras do atraso, do pseudo-saber das tradições, libertando-as para que tomem parte no conhecimento do mundo presente, confluindo para que esse possa se tornar cada vez mais *racional*. Pelo que, é o conhecimento racional do mundo que torna uma



sociedade presente no mundo. Portanto, sem ele, é claro que uma sociedade não pode fazer parte do mundo presente, sendo antes, dele, excluída, mantendo-se no passado. Consequentemente, apto à inclusão.

Creio que aos poucos vão ficando cada vez mais compreensíveis não apenas os elos que ligam a Escola ao mundo presente, mas, sobretudo, o que de fato podemos esperar da Escola.

Certamente esperamos que a Escola introduza nossas crianças no mundo presente. O que, como se viu, se dá através do conhecimento racional. Tudo isso parece bem óbvio. Afinal, não me parece que alguém leve o seu filho à Escola com o intuito de que esse se torne irracional, uma espécie de não-ser, ou, no mínimo, uma aberração. Visto que aquilo que nos define é a própria racionalidade. Não é assim que aprendemos? O ser-humano é um animal racional. Portanto, é claro que esperamos muito da escola, pois, o que ela promete, ao fim e ao cabo, é a própria conquista de nós mesmos, a racionalidade. É por isso que toda ação escolar é um humanismo e a Escola, de fato, obrigatoriamente um bem!

Mas qual a razão do mundo presente para que as crianças tenham que aprendê-la na Escola? Ora, a razão do mundo presente é a razão esclarecida dos adultos, daqueles que já saíram da minoridade, conquistando, dessa maneira, a sua autonomia. Pelo que, tal razão é a razão autônoma: aquela capaz de forjar as suas próprias leis. Com as quais, delimitando-se a si mesma, delimita o mundo, produzindo aquilo que ele presentemente é. Vivemos, portanto, em uma espécie de Estado de Direito, fundamentado na legalidade da razão. A razão tem um direito sobre o mundo presente e, tendo um direito, tem o seu dever correspondente, como geralmente pensamos. A razão é a única que tem o direito de dizer o que é que o mundo é e, consequentemente, como é que devemos agir diante dele. Ser racional é justamente corresponder à racionalidade do mundo presente.

Sim, claro, creio que todos nós queremos viver neste tal Estado de Direito! Contudo, ainda cabe aqui uma pergunta: de onde a razão tira o seu direito? Ora, o



fundamento do direito da razão é a ciência, o conhecimento científico. Pois é a ciência que é, indiscutivelmente, o único conhecimento capaz de dizer o que o mundo propriamente é. Se o tal Estado de Direito é laico, é justamente porque, historicamente, o conhecimento científico superou os tradicionais modos cognitivos ligados à religião e à arte, que, embora restando entre nós, no fundo são coisas do passado, na medida em que não tomam mais parte na produção efetiva da contemporaneidade do mundo presente, sendo, antes, tomados por ela. A razão é, pois, a razão científica. Para nós, a “[...] forma superior do conhecimento” (PINTO, 1969, p. 63), ao que parece, insuperável. Portanto, é praticamente óbvio que reconheçamos não apenas o seu direito, mas, concomitantemente, o seu dever de avançar sobre todas as partes do globo. Assim mesmo, *pari passu* como a educação escolar, que, assim como a razão, também deve ser universal. Universal, pois é um bem. Estão lembrados?

Dessa maneira, que tal razão nos domine, parece ser tudo o que mais desejamos. Pois, para nós, é só através do seu domínio que nós mesmos conseguimos nos autodominar e, assim, dominar o mundo. Não é por outro motivo que *domínio de si* e *domínio do mundo* são temas fundamentais nos meios pedagógicos, ainda que sob outros nomes: *disciplina* e *aprendizagem*. Inclusive, sempre pensados na interligação aqui mostrada: como o autodomínio está relacionado à dominação do mundo, ou seja, como a disciplina está interligada às questões da aprendizagem.

Disciplina e aprendizagem que, certamente, a Escola proporciona às crianças, para que se cumpram os desígnios da educação. Afora as matérias que elas vão tendo que aprender no decorrer dos anos, há que se cumprir não apenas os seus horários, mas, fundamentalmente, a sua *cronologia*, a sucessão dos acontecimentos no tempo em meio ao espaço escolar. No delineamento da sua arquitetura já está desenhada a sua funcionalidade, e, assim, uma hierarquia. Dos banheiros que precisam ser limpos às decisões que são tomadas na sala do diretor, ainda que todos transitem pela escola toda, - afinal, a Escola é de todos -, cada um



ocupa o espaço escolar de acordo com as propriedades que lhe convém. À merendeira cabe a merenda, ao diretor a direção, ao professor o ensino, ao aluno a aprendizagem.

Como se vê, na Escola, cada um tem a sua tarefa, que, embora uma sendo diferente das outras, todas visam sempre um único fim. É por isso que, quer vistam um, ou não, tudo conflui na Escola para que todos tenham um comportamento *uniformizado*. Uma vez que, como já foi dito, de uma forma ou de outra, a Escola prepara as novas gerações para se inserirem no mundo que já está posto, o mundo dos adultos, para o qual seria até mesmo injusto que todos não estivessem preparados da mesma maneira para nele serem introduzidos. Justo é que todos possam saber o mesmo e que, assim, adentrem no mundo adulto em condições iguais. A Escola, certamente, está comprometida em produzir a igualdade. Não é assim que pensamos? Não é por isto mesmo que aqueles que pensam a educação estão frequentemente às voltas com a questão da produção de um currículo básico comum? Para que, evitando injustiças, a Escola possa garantir que cada uma das nossas crianças possa ser adequadamente preparada para ser introduzida em um mundo que inexoravelmente será seu, o mundo dos adultos? Sim, já sabemos. Mas o que será da criança no mundo dos adultos?

O que você vai ser quando crescer? Basta perguntar para a criança que, certamente, se estamos aqui para ouvir a linguagem, obteremos a resposta adequada. Pois, em meio ao cotidiano educacional, a criança sabe para onde os adultos estão lhe levando. De uma forma ou de outra, da mais idealizada em uma sociedade, a mais comezinha, a criança, quando crescer, vai *ser* uma profissão - eu mesmo lembro que a primeira resposta que tive para tal pergunta foi *lixeiro*. Evidentemente é assim porque o dito mundo dos adultos não é brincadeira, sendo antes, o mundo do trabalho. Com o qual, certamente, todo mundo deve se identificar. Afinal, não é o trabalho que dignifica o Homem? Tanto quanto creio que ninguém leva o seu filho para a Escola para que ele saia de lá formado em vagabundagem, um vadio, incapaz de sustentar a sua própria vida.



No entanto, note-se bem, não estamos falando aqui do trabalho de uma forma geral, assim como quando se diz que “[...] do suor da tua fronte comerás o pão” (BÍBLIA, Gn 3:19, p. 20). Evidentemente que sabemos que aquilo que determina a existência propriamente humana fundamenta-se nas necessidades da sua própria produção. Mas, por isso mesmo, sabemos que a maneira como produzimos a nossa existência determina as possibilidades do nosso próprio existir. Não é por outro motivo que nossas crianças identificam as possibilidades do seu ser dentro do espectro das profissões. Pois o mundo presente é delimitado pelo mundo profissional do trabalho. Profissão que, não apenas por uma feliz coincidência, pois ela ainda está no mundo presente de uma maneira muito especial, na Grécia antiga se dizia *tekhné*. Sim, nossas profissões são técnicas, pois estão todas elas interligadas à *epistémé*, ao conhecimento científico. Conhecimento que, delimitando aquilo que o mundo presentemente é, concomitantemente, delimita os modos adequados para a sua produção e, assim, a existência compatível com a produtividade que lhe é inerente.

Portanto, se as crianças respondem à referida pergunta como geralmente respondem, isto só pode significar que, fundamentalmente, a Escola está cumprindo o seu papel. *Ad laborem per scientiam* é o seu lema fundamental. Pois, ao que tudo indica, só assim chegamos a ser aquilo que nos define, animais racionais, capazes não apenas de apreender o mundo racionalmente, mas, também, de produzir o mundo em concordância com a Razão.

Contudo, se de fato a racionalidade nos define, será que ela é capaz de dizer tudo aquilo que podemos ser?

Ora, é claro que podemos ser muitas coisas conforme as nossas ações e, certamente, o homem também pode, perdendo o controle, agir como um louco, um animal sem razão. Sabemos disso. Se a dita racionalidade fosse algo dado como um fato meramente genético, do qual desde sempre estivéssemos de posse e do qual não pudéssemos deixar de estar, evidentemente que não precisaríamos da educação, muito menos da Escola. O caso é que, no nosso caso, aquilo que nos



define é justamente aquilo que temos que conquistar, a racionalidade, e o fazemos aprendendo a nos tornar humanos, o que se dá, evidentemente, com a educação.

No entanto, cabe ressaltar que o racional da nossa definição diz muito menos do que o *lógos* originalmente grego diz: *ánthropos kai zóon lógon* diz que o homem (*ánthropos*) é a conjunção (*kai*), uma espécie de soma, entre o animal (*zóon*) e a linguagem (*lógon*). Note-se bem, entre toda a nossa animalidade e toda a linguagem.

É preciso dizer isso porque a racionalidade da qual estamos falando interpreta o *lógos* da definição, de uma maneira restrita, como o lógico, a linguagem própria do conhecimento científico. Daí, então, aprendermos na escola que o homem é o animal racional e não mais amplamente, como de fato é, simplesmente o animal que fala.

Sim, tudo bem, mas e daí, isso muda alguma coisa? Claro que sim, tal diferença é capaz de mudar o mundo! Pois, ainda que possamos falar tudo aquilo que quisermos, nem tudo o que dizemos faz parte do conhecimento científico, mas, apenas e tão somente aquilo que se fundamenta na estrutura da linguagem lógica. Vejamos.

Se toda a lógica começa pela definição é justamente porque é preciso conter as palavras para que o conhecimento científico possa ser produzido. Fato originário da linguagem, as palavras são, todas elas, *polissêmicas*. Estão sempre abertas para possibilidades múltiplas de sentido. O que, para a linguagem lógica, é um grande empecilho. Por isso, o primeiro passo para que ela se instaure é a delimitação semântica das palavras. O que se dá pela exclusão prévia das possibilidades múltiplas de sentido de uma palavra em prol da admissão de um único sentido apenas. Cada palavra só pode entrar no jogo da linguagem lógica depois que o valor do seu movimento já estiver estabelecido. Cada palavra, assim, só pode fazer um lance no jogo, aquele para o qual foi previamente definida. Pois, é só assim, com palavras *monossêmicas*, que a linguagem lógica pode cumprir o seu desígnio, o raciocínio, uma espécie de cálculo feito com as palavras. Pelo que, o matemático é



inerente ao conhecimento científico. Quer seja com os números, quer com as palavras, a ciência calcula e, calculando, impõe o controle do mundo, determinando, concomitantemente, o seu valor.

Mas, fundamentalmente, como vimos, a ciência controla o mundo controlando a linguagem, reprimindo as palavras para que elas nunca digam nada para além dos limites que lhes foram impostos pela definição monossêmica. Dessa maneira, o conhecimento científico é um conhecimento fundamentalmente *restritivo*. E, portanto, o mundo que ele pode fundar só pode ser um mundo restrito aos seus próprios limites. Certamente, o mundo da racionalidade técnica e científica é um mundo limitado, tanto quanto, obviamente, aqueles que o habitam também o são, desde o princípio.

Ora, o que vem a ser isso agora?! Não é justamente o nosso mundo presente da racionalidade técnica e científica que, sem limites, continuamente avança? Claro que sim, quem estaria apto a negar que a racionalidade técnica e científica continuamente avança sem limites? Já não admitimos isso antes? Avança porque avançar sobre o outro é aquilo mesmo que está posto *desde o seu próprio princípio* (*eks arkhés*). Portanto, não há como ser *diferente*. Por isso o mundo presente não comporta a alteridade, sendo cada vez mais *um* mundo globalizado, onde a produção da existência humana fica cada vez mais restrita a uma única possibilidade apenas, instaurando, dessa maneira, a homogeneização da vida humana sobre a Terra. Porquanto o que avança com a ciência é fundamentalmente o seu próprio princípio: a repressão da polissemia. A autodeterminação de si mesma pela negação do outro. Não é por outro motivo que lá pelos idos de 1947 já podíamos ouvir Wittgenstein dizendo:

A ciência e a indústria, e o seu progresso, podem vir a ser a coisa mais duradoura no mundo moderno. Provavelmente qualquer especulação sobre o futuro colapso da ciência e da indústria não é, por enquanto e por um *longo* período de tempo, mais que um sonho; talvez a ciência e a indústria, responsáveis por misérias infinitas no decorrer do tempo, venham a unir o mundo – quero dizer, a condensá-lo numa única unidade, em que decerto a paz será a última



coisa a habitar. Pois a ciência e a indústria decidem guerras, ou pelo menos assim parece. (WITTGENSTEIN, 1996, p. 95).

Decidem guerras porque, necessariamente, como vimos, a eliminação do outro está posta desde o princípio que as funda. Não admitindo a polissemia da linguagem, não admitem a possibilidade de um mundo diverso daquele que produzem. Afinal, o que fundamentalmente produz o mundo humano é a linguagem. Portanto, com uma linguagem restrita só podemos produzir um mundo restrito, construído não a partir das possibilidades múltiplas de sentido das palavras e, assim, concomitantemente, das possibilidades múltiplas da existência humana, mas antes, a partir da repressão de tais possibilidades.

Mas, então, temos que admitir agora que a Razão, que prometia antes, lançando as suas luzes, a efetivação definitiva da liberdade sobre a Terra, é justamente o seu oposto? Aquilo que, fundamentalmente, desde o seu princípio nos reprime, mantendo dessa maneira oculta as múltiplas possibilidades do nosso ser? Mas, se é assim, novamente, voltemos a pensar: será que ela tem de fato esse direito? Que tem o poder para tanto é claro que sabemos que tem, se não o tivesse, o mundo, obviamente, seria outro.

Mas, se é dessa maneira, como as palavras que estamos ouvindo nos levam a crer, inclusive, se este é o *caminho (méthodos)* possível para a compreensão de nós mesmos - manter-se na escuta de tudo aquilo que vem à palavra -, cabe agora, em definitivo, a nossa pergunta primeira: O que podemos esperar da Escola?

Ora, se há, como sempre parece que há, um compromisso entre a Escola e a educação para o mundo presente, da presente educação escolar só podemos esperar a repressão contínua das nossas crianças para que elas possam se enquadrar em uma única perspectiva de existência sobre a Terra. Parece ser isso.

Contudo, é sempre bom continuar pensando: ainda que pareça ser, é isso mesmo que queremos para as nossas crianças? É essa a Escola que desejamos



para os nossos filhos? Em última instância, é esse o mundo que desejamos para nós mesmos?

Pode ser que sim! Tudo depende, inclusive, da eficácia da educação a qual nós mesmos fomos submetidos, da nossa própria relação com o reprimido, do quanto nós mesmos estamos aderidos ao mundo presente, a uma fé tão cega na Razão que dela só somos capazes de enxergar as luzes. Pois, se assim for, ainda que sejamos hiper-modernos, jamais chegaremos a compreender a contemporaneidade que nos é própria e, dessa maneira, vislumbrar a possibilidade de outros mundos possíveis¹. Pois, assim sendo, tal possibilidade se mantém sempre oculta.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pois bem, nós que começamos esperando tanto da Escola agora temos que nos conformar com o que ficou exposto: A Escola, definitivamente, não pode tanto assim. A única coisa que ela pode é deixar as coisas como estão. Pode pouco porque ninguém faz nada sozinho. A Escola, como a conhecemos, é uma instituição desse mundo, sendo, portanto, preciso que esse mundo se transforme em outro para que surja uma Escola diferente. Como se vê, parece que estamos em um círculo nada virtuoso, do qual, certamente, não é tão fácil sair.

Porém, tão justo quanto reconhecer as nossas dificuldades é manter a nossa esperança em outro mundo possível, no qual as potencialidades humanas de significação da realidade são sejam reprimidas em vista da instauração de um sentido único para a nossa existência. E, para tanto, podemos esperar sim, uma Escola que possa acolher a polissemia ao invés de reprimi-la. Pois, só assim, a alteridade pode efetivamente participar da Escola. Para, então, propiciar a possibilidade de outro mundo.

Portanto, cabe a nós resolver se vamos esperar sentados ou se podemos, de alguma forma, fazer alguma coisa em vista dos primeiros passos. Se é que alguém



está, de fato, disposto a dá-los. Mas não nos esqueçamos, para tanto, não são necessárias apenas mudanças, quer no mundo ou na Escola, mas antes, outro princípio. Pois aquele que nos funda já não nos serve mais.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Chapecó: Editora Argos, 2010.

ARISTÓTELES. **Metafísica**. Porto Alegre: Editora Globo, 1969.

_____. Ética a Nicômaco. In: **Coleção Os Pensadores**. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996.



BÍBLIA. **Gênesis**. Tradução de Ivo Storniolo e José Bortolini. São Paulo: Editora Paulus, 2002.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 30 jul. 2018.

PINTO, Álvaro Vieira. **Ciência e Existência**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

KANT, Immanuel. **Textos Seletos**. Petrópolis: Vozes, 2008.

WITTGENSTEIN. **Cultura e Valor**. Lisboa: Edições 70, 1996.

¹ “A contemporaneidade, portanto, é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias; mais precisamente, essa é a relação com o tempo que a este adere através de uma dissociação e um anacronismo. Aqueles que coincidem muito plenamente com a época, que em todos os aspectos a esta aderem perfeitamente, não são contemporâneos porque, exatamente por isso, não conseguem vê-la, não podem manter fixo o olhar nela” (AGAMBEN, 2010, p. 59).

Recebido em: 15/02/2018
Aprovado em: 29/05/2018

